

Considerações sobre a vinculação afetiva: natureza e desenvolvimento

Bussab, V.S.R. (2003) Afetividade e interação social em crianças: perspectiva Psico-Etológica.

Tese de Livre Docência, IPUSP. (tópicos extraídos da parte 2; pp. 35-68)

As pesquisas sobre apego estão em uma fase especial. Acumularam-se décadas de pesquisas, incluindo acompanhamentos longitudinais de grande porte, trabalhos de intervenção, comparações interculturais e a consideração conjunta de variáveis adicionais. Merecem destaque as revisões e meta- análises, que têm enfrentado o desafio de compreender a variedade dos resultados e de reavaliar a magnitude dos efeitos encontrados. Estes conjuntos de pesquisas têm servido para confirmar as bases da teoria de apego, quanto à origem e desenvolvimento do vínculo, mas também para relativizar a importância de variáveis super estimadas, talvez pelo embevecimento provocado pelas primeiras descobertas. O momento é de amadurecimento.

1. Apego, emoção e razão

Muitas das mais intensas emoções estão envolvidas na formação, manutenção, quebra e retomada das relações afetivas. Ameaças de perda provocam ansiedade e a própria perda, luto. A manutenção de um vínculo é uma fonte de alegria. Estas respostas afetivas ficam mais bem entendidas como resultantes de pressão seletiva promotora de vinculação. Todos estes pontos foram organizados por Bowlby (1979) na formulação inicial da teoria de apego e têm sido freqüentemente retomados nos trabalhos mais recentes (por exemplo, Cassidy, 1999). Aliás, foram as intensas reações das crianças pequenas à separação involuntária dos pais, que chamaram a atenção de Bowlby para a questão do apego.

Crianças pequenas experienciam separações da figura de apego como ameaças ao seu bem estar: expressão de medo, protestos raivosos e buscas desesperadas, que vão dando lugar a expressões mais sutis de tristeza e desespero. Medo, raiva e tristeza são entendidos como respostas às ameaças de perda de disponibilidade. Estas emoções servem normalmente a funções motivacionais importantes de auto- monitoramento e de comunicação (Kobak, 1999). Acesso negado à figura de apego, ativa o medo, ou melhor dizendo a ansiedade de separação, que aciona os comportamentos de busca que, por fim,

normalmente, promovem o restabelecimento do contato, além de servir como um sinal de alerta para o outro. A raiva também ajuda a superar os obstáculos da separação involuntária e a desencorajar novas separações. A tristeza promove certa retirada e pode permitir mudanças no sistema de apego. Estas três emoções estão envolvidas nas separações involuntárias de figuras de apego de um modo geral, como exemplificado pela separação de casais (Weiss, 1975).

Tem ficado cada vez mais evidente que poucas são as oportunidades de nossa vida isentas de tonalidade afetiva, sutil ou intensa (Ades, 1996). Do mesmo modo, o valor adaptativo da emoção tem sido salientado. Conforme Ades, a emoção prepara e modula o comportamento e não é apenas de quem a sente: transmite-se, suscita reações, o que talvez tenha por função primordial um certo tipo de comunicação: acredita-se hoje, recuperando crença que já tinha sido expressa por Darwin, (1972), que a emoção seja basicamente adaptativa. Ela serviria como um mediador entre a estimulação externa e o comportamento, um passo evolutivo para além do puro automatismo do instinto, um modo de motivar o comportamento sem tirar-lhe a flexibilidade. A alegria permite à pessoa se orientar a partir de marcos favoráveis, a tristeza como modo de angariar apoio em situações de desamparo, e assim por diante. Apontando ainda o valor da emoção na promoção do engajamento e envolvimento inter individual, Ades analisa o exemplo em que uma boa proposta de brincadeira veio acompanhada com uma comunicação afetiva entusiasmada, examinando a relação entre afetividade e interação e preferência social.

As emoções despertadas no contexto de vinculação afetiva devem ser entendidas como cumprindo uma função adaptativa complexa.

A disponibilidade deve ser também entendida de modo complexo. Não se trata apenas da presença ou ausência da figura de apego, mas também de aspectos psicológicos da disponibilidade, como refletidos no tipo de comunicação e na expectativa de responsividade. Para Kobak (1999), estes aspectos desempenham um papel crítico. Para dar um exemplo de comunicação, eventos disruptivos podem ser percebidos como menos ameaçadores no caso de comunicação aberta. Uma expressão de raiva do pai pode produzir reação menos disruptiva se for acompanhada de explicação que dê à criança a noção exata da causa da raiva. Uma raiva genérica tem mais chance

de ser compreendida como rejeição. Estes pontos serão retomados no tópico sobre desenvolvimento de estilos de apego.

Uma criança procura sua figura de apego quando está cansada, com fome, alarmada ou incerta quanto à presença da mesma; assim que a encontra, mantém a proximidade e se deixa cuidar. Por sua vez, procura um companheiro de brincadeira quando está bem e confiante e engaja-se em brincadeira com ele (Cassidy, 1999). As ações do sistema de cuidado da mãe regulam-se com as do sistema de apego da criança. Quando a criança se afasta, a mãe a chama. Quando a mãe se afasta, é a criança quem o faz. A presença atenta da mãe libera a criança para a exploração de áreas maiores em um parque. A mera distração da mãe com uma revista, em laboratório, diminui a qualidade da exploração do bebê (Sorce & Emde, 1996). Nem sempre mães e crianças concordam quanto à distância aceitável. O sistema de medo da mãe pode ser ativado e levá-la a recolher o filho impedindo uma atividade exploratória confortável e estimulante para ele. Por sua vez, solicitada, a mãe pode ou não atender o filho (Trivers, 1974), levada por outras solicitações. A ativação do sistema de cuidados tem implicações cruciais para as crianças, a ponto de terem sido selecionadas características comportamentais promotoras destes cuidados. Na criança o sistema de medo ativa o de apego, no adulto ativa o de cuidado. Grandes emoções também estão associadas a este sistema: alegria e ansiedade. Também resultante de pressões seletivas. Pais tranquilizam a criança, mesmo na ausência de perigo real, o que pode facilitar a monitoração de perigos potenciais e reais dos pais para as crianças.

2. Modelo interno de funcionamento – apego, emoção e razão

Outro aspecto da teoria que vem sendo desenvolvido diz respeito aos componentes cognitivos da organização dos sistemas comportamentais de apego, entendidos como modelos representacionais ou modelos internos de funcionamento, que permitem antecipar o futuro, fazer planos e operar de modo mais eficiente. Estes modelos internos funcionam como mapas cognitivos e emocionais que orientam a percepção, a interpretação e os comportamentos das pessoas nos diferentes contextos relacionais. Acredita-se que o modelo interno reflita o padrão de interação experienciado com as figuras de apego, integrando modelos de si mesmo e dos outros (Bretherton & Munholland, 1999)

Nas crianças a partir do segundo ano, a pesquisa começa a focalizar cada vez mais os níveis de representação cognitiva e emocional do apego. Marvin e Britner (1999) consideram, no entanto, que seria um erro se esta concentração fosse feita às custas de negligência do comportamento, pois a conexão entre os modelos internos de funcionamento e o próprio comportamento é central para o entendimento do sistema de apego. Crianças mais velhas não passam de um nível para outro; são simplesmente capazes de processar e manipular planos e objetivos no nível interno de modos mais elaborados e cada vez mais, coordenar o comportamento com estes processamentos internos.

A noção de significado elaborada por Marris (1999) tem a ver com o tema dos modelos internos e ajuda na compreensão mais plena da questão. Para este autor, um significado é uma organização de experiência que nos capacita a identificar aqueles eventos que importam para nós, a relacioná-los com experiências prévias, e a determinar como poderemos responder a eles. Envolve classificar eventos, ordenar propósitos, reconhecer (ou viver?) sentimentos associados com eventos e propósitos, em modificação constante: os eventos provocam emoções que influenciam os propósitos que alteram os eventos e assim por diante. Não poderíamos ser capazes de sobreviver sem estes significados. A menos que a experiência possa ser reconhecida como padrões que se repetem, não podemos aprender nada.

O apego é a primeira e mais crucial relação através da qual o ser humano aprende a organizar significados. Mesmo antes de a criança ser capaz de se expressar em palavras, já tem estabelecida uma organização poderosa de emoções, desejos e padrões de experiência, centrada nas duas tarefas essenciais da infância: assegurar a atenção da figura de apego e aprender a desenvolver as próprias capacidades ligadas à sua natureza cultural, o que exige ação e ajustamento. O equilíbrio entre assertividade e aquiescência na experiência de apego representa uma aprendizagem fundamental. Ambas implicam numa confiança em que a figura de apego responderá de modo previsível, mas implicam em diferentes estratégias de enfrentamento quando a confiança fica ameaçada: de um lado, se busca mais compreensão, de outro, mais assertividade. Este processo, que segundo Bowlby originaria um modelo interno de funcionamento que seria fundamental por toda a vida, também é entendido deste modo por Marris. Criamos ordem, através de

previsibilidades e significados. Para Marris, os significados tendem a se auto confirmar pois costumamos negar situações que contradigam nossos significados, do mesmo modo como os cientistas relutam em abandonar seus paradigmas, tal como apontado por Kuhn (1962). Este impulso conservativo de proteger a ordem previsível nos ajuda, tanto em nossas vidas privadas como em nossas instituições culturais. Ainda assim, o ordenamento de experiências pode ser modificado diante de eventos que não conseguimos entender e diante de mudanças de objetivos. Esta vulnerabilidade constitui incerteza.

Estão embutidas nestes raciocínios, tanto as noções de estabilidade do modelo interno ou do padrão de apego, quanto as noções de mudança. Parece que a orientação mais heurística está em identificar as circunstâncias promotoras de estabilidade ou facilitadoras de mudança, e não na contraposição das duas possibilidades.

3. Reflexos e papel da cultura no suporte dos vínculos

Os significados estão também organizados em instituições sociais assim como nas compreensões pessoais, a saber, na ciência, arte, religião, ideologia, lei, e mais fundamentalmente, na estrutura da linguagem. Marris (1999) desenvolve uma concepção familiar da ordem social. A sociedade para melhor proteger seus membros de eventos disruptivos e geradores de incerteza, dentre os quais o rompimento de vínculos ocupa posição central, deveria organizar seus relacionamentos de modo a torná-los mais estáveis, previsíveis, compreensíveis e planejar seus ambientes de modo cuidadoso com os vínculos, tanto quanto humanamente possível. As qualidades básicas para este planejamento – sensibilidade, responsividade, compreensão mútua, consistência, capacidade para negociar- são em grande parte as mesmas subjacentes ao apego seguro. A boa sociedade minimiza incertezas e eventos disruptivos, protege as experiência de apego e apoia o luto. Para Marris, nossa sociedade estaria indo na direção contrária do que é necessário para proteger seus membros de depressão: relacionamentos estão ficando menos estáveis, menos previsíveis, menos fáceis de se entender e os planejamentos menos cuidadosos com os vínculos. Ainda que não seja necessariamente sempre assim, vale o alerta: o modo de vida contemporâneo pode mesmo desviar a atenção do que é mais relevante.

É interessante, no presente caso, estender este raciocínio para o planejamento de instituições educacionais e de atendimento de saúde. A título de exemplo, em trabalho de pesquisa que orientei sobre o contexto social e afetivo de crianças em orfanato (Camas, 1993), ficamos, entre outras coisas, impressionadas com os dilemas das pajens, diante do tipo de solicitação das crianças e da falta de suporte institucional para os dramas relacionados aos vínculos, no caso da formação ou no caso da ausência. A pesquisa sobre os menores abandonados, no jargão da época, nos levou aos maiores abandonados na Instituição. Tanto, que resolvemos focalizar as pajens na pesquisa subsequente “Afeto e profissão: o cotidiano de pagens de orfanatos” (Camas, 1999).

4. Apego e sensibilidade materna

Em revisão de dados sobre o assunto, Belsky (1999) considera que haja pouca dúvida sobre o papel da contribuição do cuidador, ainda que os dados não sejam uniformes. Avaliações da sensibilidade materna durante o primeiro ano estão ligadas à segurança medida pelo teste *Strange Situation*, desenvolvido por Ainsworth, para avaliar o tipo de apego de crianças de cerca de doze meses em situação de reunião e afastamento da mãe na presença de um estranho, em amostras de famílias de classe média americana (desde Ainsworth et al, 1978 até Teti, Gelfand, Messinger e Isabella, 1995), canadenses (Pederson & Moraen, 1996), alemãs (Grossman, Grossman, Spangler, Suess & Unzner, 1985), assim como de famílias economicamente prejudicadas ou famílias unilaterais (por exemplo, Krupka, Moran & Pederson, 1996). A segurança está associada à estimulação apropriada e moderada (ex. Feldestein, Crown, Beebe & Jaffe, 1995), à sincronia interacional (Isabella & Belsky, 1991), à calorosidade e ao envolvimento (O'Connor, Sigam & Kasasi, 1992). Apego evitador está correlacionado a uma estimulação excessiva e intrusiva, e a determinados estilos de controle interacionais. Apego resistente está relacionado a um cuidador pouco envolvido e pouco responsivo (desde Belsky et al, 1984 e Isabella et al 1989, até Vondra, Shaw & Kevinides, 1995).

Demonstrações deste porte podem funcionar como armadilhas. Permitem uma compreensão do curso do desenvolvimento, com respaldo num conjunto diversificado de demonstrações. Porém, dão margem a um exagero. Como de fato aconteceu, houve uma

super estimativa sobre a contribuição do tipo de interação com o cuidador principal na determinação do desenvolvimento subsequente, mediado pelo estilo de apego.

Neste momento de amadurecimento da área, estas tendências vão sendo corrigidas. Belsky (1999), por exemplo, avalia que o efeito do cuidador não é tão forte quanto se acreditou. Meta - análises têm contribuído para a integração dos conhecimentos gerados pelos diversos trabalhos: deWolff e van Ijzendoorn (1997), reunindo 66 investigações, e 4176 crianças, encontraram um efeito da ordem de 0,17 entre as medidas de cuidados maternos e segurança de apego, que aumentou para 0,22, quando examinaram apenas estudos sobre sensibilidade materna. Como estes autores comentaram, mesmo uma correlação fraca pode indicar um mecanismo causal poderoso: pode-se falar em confirmação do núcleo da proposta de Ainsworth, embora este fator não seja um determinante exclusivo. Demonstração mais decisiva do efeito da responsividade materna no tipo de vínculo subsequente provem de resultados de meta análise sobre estudos de intervenção (van Ijzendoorn, Juffer, e Duyvestyn, 1995), que evidenciaram a efetividade das intervenções no aumento da sensibilidade materna e no aumento correspondente do desenvolvimento de apego seguro. Estes resultados estendem os achados de estudos correlacionais, documentando um efeito causal genuíno dos cuidados maternos no apego. Tais intervenções poderiam estar funcionando de maneira análoga ao apoio social, que também tende a produzir este tipo de efeito. Seja como for, parece que em ambos os casos o efeito estaria sendo mediado por um aumento da sensibilidade materna na interação.

Estudos de acompanhamento longitudinal, característicos desta área, têm oferecido cada vez mais elementos para a compreensão da complexidade do desenvolvimento. O conceito de sensibilidade materna abriu um campo de pesquisa heurístico quanto à compreensão da origem das diferenças na qualidade do apego formado no final do primeiro ano.

Grossmann e Grossmann (1993) realizaram estudos longitudinais no norte e no sul da Alemanha, a partir, respectivamente, de 1976 e 1980. Fizeram observações na casa das crianças, com foco na sensibilidade materna, nos registros das vocalizações mãe-criança e dos tipos de comunicações de emoções, durante o primeiro ano. As observações sistemáticas realizadas na casa das crianças mostraram que filhos de mães

sensíveis respondem mais positivamente ao contato corporal, mas também mostram menos perturbação no final do contato. Seguem a mãe na saída, mas choram menos aos 2, 6 e 10 meses assim como vocalizam mais alegremente aos 6 e 10 meses, do que os filhos de mães menos sensíveis. A sensibilidade das mães se refletiu em comportamentos específicos: colo afetoso, contatos não abruptos e menos restritos às rotinas de cuidados, dedicação maior ao bebê no retorno, e especialmente, em pronta reação ao choro. A voz é mais afetuosa e há mais respostas à vocalização do bebê. Analisaram depois o comportamento de 196 díades, em teste *Strange Situation*, em que são observadas, de modo padronizado, as interações mãe bebê, enquanto estão sós, depois com a chegada de um experimentador e as reações do bebê à saída da mãe e ao seu retorno. Dependendo dos tipos de reação apresentados, as crianças são classificadas como seguras, evitativas ou ansiosas. Apego seguro no final do primeiro ano se correlacionou com a sensibilidade materna observada em casa ao longo do primeiro ano, especialmente quanto às medidas feitas aos 2 e 6 meses.

5. Peculiaridades psicológicas conforme estilos de apego

Foram encontradas diferenças qualitativas nos estilos de comunicação de emoções em função do padrão de apego, resultado que vem se repetindo na literatura. Nas díades seguras houve mais comunicação aberta de emoções. Os evitadores apresentaram estratégia de negar sentimentos negativos eliciados pela separação.

Resultados deste tipo têm levado à concepção de que as expressões verbais e não verbais, os sinais e comunicações, podem ser considerados indicadores de diferenças relacionadas a apego na organização das respostas comportamentais e emocionais dos indivíduos nas diferentes fases da vida (Grossman, 1988). A pesquisa de apego focaliza o valor adaptativo de estratégias individuais, ou seja, como o indivíduo integra seus recursos sociais e pessoais para enfrentar os desafios e manter sua integridade. A característica designada coerência indica a qualidade da integração de emoções contraditórias, a capacidade de disponibilizar a informação emocional pela comunicação aberta e usá-la para sua saúde emocional.

Estes autores investigaram também comunicação emocional, interação em brincadeiras e empatia, relacionadas aos padrões de apego a cada um dos pais e à qualidade comunicativa da díade na *Strange situation*, numa sessão de brincadeira com

os pais e numa sessão de resposta emocional com um palhaço, aos 18 meses. No caso de apego evitador, quanto mais a criança ficava alterada emocionalmente pela separação, menos se comunicava diretamente com os pais, o que diminuía a chance de alívio dos efeitos da separação na ocasião do reencontro. A possibilidade de uma potencial ação reparadora dos pais também ficava diminuída pela falta de comunicação. O oposto ocorreu com as seguras: quanto mais perturbadas, mais se dirigiram abertamente e mais obtiveram conforto. Trocas afetivas abertas dependeram mais do tipo de relacionamento do que da competência da criança.

Nas sessões de brincadeira, as crianças seguras apresentaram comunicações mais sutis e vocalizações suaves; as crianças inseguras iniciaram mais interações pela apresentação de um brinquedo e com vocalizações mais altas.

Um dos resultados merece destaque especial. Nas díades com apego seguro, observou-se que se as crianças estivessem brincando interessadas, os pais tendiam a permanecer à distância, observando. Se desinteressadas, os pais se aproximavam e ofereciam alternativas, o que normalmente era seguido por mais interesse da criança. Padrão oposto ocorreu no caso do apego evitativo: pais permaneciam distantes no interesse baixo da criança e interferiam no alto. Tais interferências resultavam em cessação abrupta do envolvimento da criança ou em gestos de incerteza da criança. Poucos casos de apego inseguro ambivalente não permitiram análise.

A reação ao palhaço foi afetada pela qualidade do apego ao pai ou à mãe, aquele que estivesse presente na situação. Crianças seguras refletiram mais o humor do palhaço.

Em resumo, crianças seguras com um ano tiveram mais suporte para atividades independentes, comunicaram-se mais abertamente, especialmente quando estressadas, e foram mais simpatéticas com as mudanças de emoções de um novo adulto que brinca com elas.

6. Apego, exploração e medo – relação com o comportamento do cuidador

Concordamos com Cassidy (1993), que um ponto central da teoria de apego refere-se ao uso da figura de apego como base de segurança. Observações de crianças no primeiro ano de vida são de fato sugestivas de um equilíbrio entre apego e exploração. Perigos do ambiente e ausências da figura de apego, sentidas como ameaçadoras, diminuem a exploração e a brincadeira. A presença da figura de apego, ou a confiança

na sua disponibilidade em caso de necessidade, aumentam a exploração. Evidências de associação entre disponibilidade materna (física ou psicológica) e exploração pela criança têm se acumulado (desde Ainsworth & Wittig, 1969, até Sorce & Emde, 1996).

No que diz respeito à sensibilidade materna, tem ficado claro que confortar e encorajar durante o conflito entre a curiosidade e o temor pelas novidades, não se confunde com distrair a criança ou empurrá-la para o objetivo; implica numa solução apropriada para o nível da criança (Grossmann, Grossmann & Zimmermann, 1999).

Estudos que incluíram medidas de sensibilidade da mãe às emoções negativas da criança durante a brincadeira mostraram-nas como ligadas ao desenvolvimento de segurança. Nas díades seguras, os pais interferem menos e apóiam mais, porém, nas díades evitadoras, interferem na concentração mas não na aflição. No caso dos ambivalentes, os pais são inconsistentes na assistência à aflição e interferentes na concentração (Cassidy & Berlin, 1994).

Bebês que experienciam sensibilidade do cuidador durante conflitos de exploração e de afastamento, mostram comportamento exploratório orientado para o objetivo mais eficiente, além de demonstrar mais segurança de apego às suas mães. Este seria um modo mais amplo de compreensão do apego; proposta semelhante foi feita por Sroufe e Fleeson (1988), que envolve uma visão holística, levando em conta contexto interacional mais amplo

Grossmann, Grossmann e Zimmermann (1999) revisaram a questão dos padrões de apego com foco na qualidade da exploração e da adaptação à realidade. A curiosidade tem sido reconhecida sistematicamente na Psicologia como fonte potencial de conflito, envolvendo uma fascinação pela novidade que leva à exploração bem como ao temor e ao recolhimento cuidadoso. A segurança pode ser definida como um equilíbrio ótimo entre apego e exploração, caracterizada por abertura da mente, comunicação aberta e uma orientação curiosa, mas cuidadosa, para com a realidade. O uso da figura de apego como base de segurança para a exploração foi apontado por Bowlby como a função biológica do apego. A qualidade da exploração está ligada a períodos de concentração durante episódios entusiasmados de brincadeira com objetos novos, à capacidade de organizar emoções e à confiança na figura de apego. Na presença dos pais a criança vai

explorar de modo lúdico e livre ou vai lidar com os brinquedos compulsivamente, de modo ansioso ou desatento?

A atividade exploratória de crianças com apego evitativo é restrita pelo excesso de ansiedade, mostrada por uma atenção exagerada nos objetos, que sugere uma manobra defensiva para desativar o sistema de apego. A atividade exploratória das crianças ambivalentes é restringida pela preocupação em manter a proximidade da figura de apego. A liberdade para explorar parece ser um aspecto importante que se liga ao sistema de apego, ao longo de toda a vida.

7. Segurança emocional nas relações de apego e durante exploração dos três aos cinco anos

Assim que a comunicação verbal se torna importante, o equilíbrio entre apego e exploração da criança muda muito (Grossmann, Grossmann & Zimmermann, 1999). A criança de três anos mostra auto avaliação positiva, orgulho, vergonha, começo de tolerância para a outra criança e um crescimento notável da competência lingüística. Compreensão rudimentar das palavras referentes ao tempo ajudam-na a suportar melhor separações.

Uma coisa é reagir nas situações cotidianas, nas quais as rotinas aprendidas parecem dar conta dos desafios. A qualidade da organização emocional se revela nos processos de solução de problemas e de busca de objetivos e na manutenção de atenção focalizada das díades. A desistência por tensão emocional está associada à insegurança. Do ponto de vista etológico, esta tensão aparece na forma de comportamentos típicos de conflito: quebra de coordenação visuo-motora, interrupção de contato de olhar, fixar o olhar na porta, manipular objetos sem objetivo.

Na pesquisa de intervenção de Van den Boom (1995), as mães que receberam orientação prévia apoiaram mais os filhos nos contatos com outras crianças aos três anos. Seus filhos apresentaram menos problemas e mais relações positivas com os colegas, variável de central importância no desenvolvimento da competência na adaptação a desafios.

O efeito da segurança nas atividades exploratórias gerais também é constatado em outras fases do desenvolvimento. Crianças seguras de cinco anos envolvem-se mais, prestam mais atenção em suas mães e as desafiam menos, conforme revisão de Pianta e

Harbers (1996). Suportividade materna é positivamente correlacionada com a capacidade da criança de enfrentar dificuldades, promover exploração segura e de concentração em objetivos. Aos 6 anos, quando a criança é novamente confrontada com uma tarefa exigente, difícil, em termos escolares, a influência da sensibilidade materna é ainda verificável na concentração, nos comportamentos evasivos e nos sintomas emocionais (Schildbach, Loher & Riedinger, 1995).

8. Organização e ajustamento na idade pré escolar e padrões prévios de apego

Revisões da literatura mostram que crianças seguras concentram a atenção por mais tempo e têm mais afetos positivos durante brincadeira. Mais curiosidade, mais exploração autônoma e mais controle do ego. Menos frustração e mais entusiasmo. Mais competência social com colegas e mais aquiescência com adultos. As inseguras têm menos empatia com a aflição do outro, menos abertura de sentimentos negativos e mostram mais frustração na resolução de problemas muito difíceis (Grossmann, Grossmann & Zimmermann, 1999).

Crianças evitadoras são mais agitadas ou hiperativas, exibem mais conflitos sobre temas, papéis e materiais de brincadeira e sinais mais fortes de raiva e frustração (Suees, et al, 1992). Quando o padrão de evitação é registrado em relação a ambos os pais, estes efeitos aparecem de modo mais forte.

Crianças seguras têm mais autonomia nos conflitos, mais independência do professor, mais negociações com acordos e amizades mantidas. Crianças inseguras tendem a buscar o professor, sair do local ou deslocar o conflito. Além disso, tendem a exibir um viés de atribuição de hostilidade (Dodge, Battes & Petit, 1990).

A constatação de Turner (1991,1993), de que, na pré - escola, meninos inseguros são mais agressivos e meninas inseguras mais dependentes e submissas, mostra uma interação entre estilo de apego e gênero, que merece ser mais bem entendida.

9. Estabilidade do estilo de apego no desenvolvimento?

Algumas tendências à estabilidade podem ser compreendidas, pelo raciocínio sobre círculos viciosos e círculos virtuosos, desenvolvido por Kobak (1999), a partir da análise dos tipos de comunicação. A confiança na disponibilidade mantém abertas as linhas de comunicação, o que facilita restabelecimentos de contato no caso de

separações ou de outras percepções de ameaça ao vínculo. Comunicação aberta e modelos internos seguros andam juntos (Bretherton, 1990; Kobak & Duemmler, 1994).

Kobak aponta o estabelecimento de um círculo virtuoso: comunicação aberta aumenta a segurança que aumenta a comunicação. Disrupções normais do vínculo levam a conversas que restabelecem a confiança. Nestas relações as crianças têm mais chance de expressar sentimentos negativos associados ao vínculo. Mesmo que a criança sinalize indiretamente, pais sensíveis poderão reconhecer a conexão com os eventos disruptivos (como crises no trabalho ou no casamento) e apoiar a criança ansiosa. Por outro lado, quando crianças escondem ou distorcem seus sentimentos de medo e raiva, mesmo que esta seja uma defesa para ganhar controle sobre uma situação emocionalmente dolorosa (Bowlby, 1969), a reação da criança pode ser entendida pelos cuidadores como falta de envolvimento emocional. Sob condições extremas, estes sentimentos podem emergir de forma descontrolada ou redirigida a coleguinhas (George & Main, 1979), alimentando um círculo vicioso de novos maus tratos e mais raiva. Em casos deste tipo, pais envergonhados da possível acusação de abandono ou violência, tendem também a negar ou distorcer os fatos. Crianças também podem suprimir as lembranças destas ameaças. Desse modo, os sentimentos relacionados ao apego se tornam cognitivamente desconectados da situação que lhes deu origem. Passam a ser expressos de forma problemática, como em desordens de ansiedade ou em sintomas dissociativos. A distinção feita por Bowlby (1973/1984), no volume *Separação*, entre fobias e pseudo-fobias ilustra casos deste tipo. A recusa à escola fica mais bem entendida como resultado do temor de perder a figura de apego, do que pelo medo do que pode acontecer na escola.

O estudo longitudinal feito por Grossmann e Grossmann (1993) permite reflexões pertinentes sobre o tema da estabilidade do estilo de apego ao longo do desenvolvimento. Os resultados apresentados são impressionantes: foi encontrada estabilidade da ordem de 80%, em crianças acompanhadas do primeiro ano, até os 5 e 10 anos de idade. Os autores salientaram que a amostra estudada foi composta por famílias normais e saudáveis, que não apresentaram queixas de ajustamento; não se tratou de uma amostra “clínica”.

A qualidade do apego à mãe foi a variável mais preditiva de comportamentos da brincadeira e da interação com parceiros na pré-escola, aos 5 anos. Um duplo apego seguro, ao pai e à mãe, produziu as marcas mais positivas e um duplo apego evitador, as mais negativas. Conforme já mencionado, as crianças com apego seguro à mãe, brincam com mais concentração, qualidade e têm percepção social mais acurada. Crianças com apego seguro ao pai, iniciam mais brincadeiras com outras. Algum apego seguro, independentemente de a quem, foi relacionado a melhor resolução de conflitos. Problemas apareceram mais freqüentemente associados a apego inseguro. As crianças seguras são descritas mais positivamente quanto a controle e resiliência do ego (Suess, 1987). São, ainda, alvo de maior simpatia por parte de educadores. Há, aqui, ponto que merece ser salientado: o conjunto de experiências sociais e afetivas na pré-escola parece reforçar os padrões de interação prévios com os pais.

Main e Cassidy (1988) ajustaram uma situação de teste a partir do paradigma da *Strange situation*, para avaliar índices de separação-reunião para crianças de 6 anos, em que pais e crianças ficam separados por 1 hora, fazendo coisas diferentes. Foram identificados quatro padrões, pelo comportamento emitido no retorno. Crianças que saudaram os pais afetuosamente, compartilharam as experiências recentes livremente, pareceram satisfeitas com o reencontro e que ficaram por perto suavemente foram consideradas seguras. Foram identificados padrões evitadores semelhantes aos do primeiro ano: as crianças ignoraram ou saudaram friamente os pais no retorno, mantiveram distância física ou emocional, não iniciaram conversa e responderam minimamente. O padrão de reunião ambivalente-inseguro observado foi composto por um misto de evitação, responsividade, tristeza e hostilidade aberta. Um quarto padrão foi encontrado: um conjunto de comportamentos voltados para controlar os pais, de um modo positivo ou negativo. A aplicação deste teste para as crianças da amostra revelou preditibilidade de 87% a partir dos padrões constatados aos 12 meses.

A segurança inicial parece se refletir aos 10 anos numa confiança geral em si mesmo, nos amigos e nos outros como potenciais agentes suportivos. As crianças de apego seguro admitiram sentimentos negativos com mais facilidade e buscaram mais auxílio ou conforto. Os evitadores relataram mais tentar resolver problemas por si mesmos.

As relações com amigos mostraram-se correlacionadas com padrões iniciais de apego. Crianças inicialmente seguras mencionaram mais frequentemente o fato de ter um ou alguns bons amigos, com os quais podiam contar; as evitadoras, e mais ainda, as ambivalentes, não tinham bons amigos ou tinham muitos, mas não sabiam especificar quais.

Ao que tudo indica, a experiência emocional do primeiro ano não pode ser facilmente compensada pelas habilidades cognitivas subseqüentes. Seja como for, 20% dos sujeitos não apresentaram estabilidade. O que em termos da compreensão do processo subjacente é tão informativo quanto o dado anterior. Não se trata apenas de utilizar a informação para auxiliar crianças inseguras, quando for o caso. Trata-se também de investigar se a estabilidade pode ser entendida como um ajuste funcional adequado, dentro de um determinado conjunto de circunstâncias.

Muitas críticas têm sido feitas sobre o chamado determinismo infantil, ou seja, sobre a idéia da importância especial dos primeiros anos no desenvolvimento subseqüente, como por Kagan (1996). Em resposta a estas críticas, Grossmann e Grossmann (1993) consideram que o desafio está em especificar em que circunstâncias a experiência inicial afeta os domínios específicos da adaptação subseqüente e em que circunstâncias não afeta.

A possibilidade de coexistência de modelos múltiplos em diferentes níveis de consciência, que foi considerada por Bowlby (1973/1984), traz uma complicação para as reflexões sobre estabilidade ou mudança. Para Bowlby, como uma pessoa pode experimentar diferentes vínculos afetivos, ainda que afetada pelo modelo interno de funcionamento, atualizações deste modelo podem vir a ser feitas, com implicações clínicas. Para ele, a terapia poderia ser entendida como um conjunto de técnicas para ajudar a pessoa a examinar e reconstruir seus modelos não funcionais, ajudando-a a deixar de ser escrava de um esquema antigo e inconsciente para poder sentir, pensar e agir de um modo novo (Bowlby, 1988). A integração das experiências de apego numa representação lingüística coerente também foi considerada um ponto chave neste processo de transformação.

Ao se considerar a segurança do apego como um construto relacional, abrem-se diversas possibilidades, promovendo-se, por exemplo, mais atenção para o tipo de apego

e de comunicação nas relações atuais, o que pode ajudar na compreensão dos mecanismos responsáveis por descontinuidades no desenvolvimento (Sroufe, 1977).

10. Estilos de apego como adaptações

Numa extensão da ênfase biológica inicial, Main (1990) propõe que os estilos de apego representam adaptação natural associada a uma capacidade de se ajustar às variações oferecidas pelo ambiente de criação, que se refletiria na qualidade do apego. Conforme Cassidy (1999) comenta, quase todas as crianças se apegam, mesmo em condições adversas de cuidados, como as que envolvem maus tratos, o que revela a prioridade motivacional do apego e a flexibilidade inerente do sistema. Isto faz lembrar, por exemplo, os trabalhos que mostram que crianças desenvolvem linguagem, mesmo em condições degradadas de estimulação linguística. A forte predisposição para o desenvolvimento do vínculo mesmo em condições pouco favoráveis tem sido entendida como demonstração do valor adaptativo do apego e de sua presença na natureza humana. De modo análogo, as próprias diferenças em estilos de apego têm sido entendidas como adaptações a condições peculiares.

A dimensão do bem estar psicológico, ou da falta deste bem estar, embora relevante para a compreensão do fenômeno, deve ser entendida em separado (Hinde, 1993). Modelos inseguros de apego, embora possam não trazer bem estar psicológico, podem se mostrar mais adaptativos para garantir a sobrevivência de indivíduos num meio desorganizado.

Seguindo este raciocínio, padrões de evitação ou ambivalentes/ansiosos devem ser entendidos como estratégias organizadas para manter a proximidade de pais intrusivos ou não responsivos (Main & Weston, 1982), ou seja, representam modos de se adaptar a diferentes níveis de responsividade parental, com garantias de manutenção de contato.

Bussab, V.S.R. (2003) Afetividade e interação social em crianças: perspectiva Psico-Etológica. Tese de Livre Docência, IPUSP. (tópicos extraídos da parte 2; pp. 35-68)